

ASPECTOS EDUCATIVOS NA FILOSOFIA DE ORÚNMILÁ: ESTESIAS PARA PRODUÇÃO DE IMAGENS DA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

JÉFERSON LUÍS DIAS DA SILVA¹; ROGERIO VANDERLEI DE LIMA TRINDADE²

¹Universidade Federal de Pelotas – emaildejeferson@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – roger01lim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escrita é um fragmento da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes intitulada *Orúnmilá e Ifá: conhecimento ancestral e suas contribuições para o estudo da imagem na arte*. A pesquisa se detém a construir direcionamentos conceituais e metodológicos sobre o conceito de imagem a partir da filosofia de *Orúnmilá-Ifá*, a divindade do conhecimento na cultura iorubá. As práticas de adivinhação no culto a *Orúnmilá-Ifá*, assume uma importante função na mediação do conhecimento produzido pelo corpo. É presente em diversas obras sobre o orixá, o princípio educativo em *Orúnmilá* e sua palavra, o *Ifá*, conforme *babálawò* e referência nos estudos sobre a divindade Adekunle Aderonmu (2015).

O texto estabelece uma aproximação dialógica com as obras de arte Cabeça D'Água (2018) de Laís Machado (1990, Salvador) e a obra de artista Nádia Taquary (1967, Salvador), chamada *Oriki, Saudações à Cabeça* (2015) e, ponderar sobre as considerações sobre as finalidades da adivinhação do oráculo sagrado na obra *Pensar Nagô* (2017) do sociólogo e jornalista Muniz Sodré. Na obra do autor, quando considera sobre a cultura iorubá, as funções práticas do *ifá* está diretamente associadas a construção de conhecimento e, por via do corpo, a corporalidade, da ordem do vestígio, nas palavras de Sodré (1997): *movimento de construção do mundo*, como abertura cognitiva, através do rito, das relações estabelecidas com os princípios cosmogônico.

A cabeça assume um fundamental papel para os povos iorubás, nela reside a divindade pessoal de cada pessoa e o culto a *Orúnmilá* atua como intermédio da cabeça presente no plano visível por meio das práticas oraculares sagradas. Existe um duplo da cabeça na cultura iorubá, metade dela é presente no *Órun*, o plano invisível, e a outra metade presente no *Àiyé*, o plano visível. Ambas as obras de arte contemporânea brasileira apresentam o elemento cabeça e sua importância na cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo, nos ajudam a compreender o lugar do aspecto educativo presente na filosofia de *Orúnmilá*, conforme o filósofo e professor Renato Nogueira (2015), a filosofia da divindade iorubana é do autoconhecimento e dos sentidos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo e revisão de bibliografia. Neste recorte da pesquisa, nos aproximamos de considerações sobre *Orúnmilá-Ifá* em três autores: Adekunle Aderonmu (2015) e Renato Nogueira (2015). Também é relevante as considerações feitas de Muniz Sodré (1997, 2017), acerca da divindade e sobre o corpo na concepção iorubá, ao mesmo tempo sua crítica a forma de produção de conhecimento em outras culturas que privilegiam o corpo, os sentidos e a corporeidade.

O olhar para as obras se desenvolve a partir da antropologia da imagem, um campo de estudos que pretende pesquisar a relação das culturas com a produção de imagens. O principal autor neste estudo é o historiador da arte alemão, Hans

Belting (2014) desenvolvendo três conceitos operacionais principais da abordagem: a imagem, o meio e o corpo. Inseparáveis nos estudos do autor, o conjunto, revela os processos de fabricação e relação com as imagens. A análise das obras das artistas Lais Machado e Nádia Taquary nos possibilitam direcionamentos sobre possíveis sentidos da produção de imagens enfatizando princípios da filosofia de Orúnmilá-ifá.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática oracular sagrada e o corpo estão diretamente ligados estabelecido pela cabeça, o *ori*, pode ser traduzido como um ente individual de qualquer ser humano é mediado pelo ifá, que se constitui como, o meio de comunicação, um exemplo é o jogo de búzios, muito conhecido no Brasil através do candomblé, batuque e outras organizações socioculturais negras africanas brasileiras (Sodré, 2019). Para Sodré (2017), algumas culturas, como por exemplo, as africanas, em que se privilegia o conhecimento produzido pelo corpo, e estas culturas passaram por um *semiocídio ontológico*, cuja característica principal é a justificativa da ausência da alma. Para o autor, a justificativa perpassa as concepções das civilizações ocidentais, em específico valores cristãos, supostamente universais, nas quais separam a alma do corpo, ou seja, o corpo considerado “*um objeto separado da consciência*” (p.103).

O semiocídio, de acordo com o autor, também implica nas funções destinadas a rude separação de pensamento e corpo, consequência do dualismo platônico (*ibidem*). A corporeidade enquanto construção de pensamento é negligenciada em sociedades com resquícios dos ideais e valores oriundos do cristianismo, é importante ainda destacar que para o autor o *semiocídio* gera um “*genocídio físico*” podendo ser trazido como processos de aniquilação e apagamento total de uma população, através da diáspora forçada e do colonialismo (p.102). Para outras culturas existe um movimento ao contrário, no qual o corpo é a própria inscrição do conhecimento, conforme Sodré (2017) e Martins (2021).

O corpo na cultura iorubá é constituído por elementos de entes presentes no espaço do *órun*, para Muniz Sodré (1997), o corpo é um duplo, parte dele é presente no espaço visível e parte dele é constituído no espaço invisível. A obra *Cabeça D'Água* (figura 1) é uma instalação apresentada ao *Valongo-Festival Internacional da Imagem* (2018) o local na qual é elaborada é um container que continha um conjunto de vasos, no candomblé com a nomenclatura de quartinhos, o ambiente *Cabeça D'Água* possui água em um nível inferior aos joelhos e os participantes são convidados a estabelecer relações com os objetos expostos.

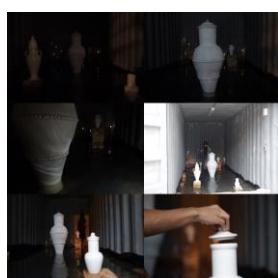


Figura 1 – Vídeoinstalação “Cabeça d’Água” (2018) de Laís Machado.

Disponível em: <https://vimeo.com/338735789>



Figura 2 – Sem título (2018), Série Oriki – saudação à cabeça, Nádia Taquary.

Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Bl33485IUYM/>

O conjunto de esculturas (figura 2) elaboradas por Nádia Taquary, *Oriki - saudações à cabeça* (2015) apresentou uma série de cabeças feitas através de

diversos materiais sendo recobertas por elementos considerados tradicionais, tais como búzios, conchas, palha da costa, miçangas. No terreiro, são matérias-primas para a composição de objetos sacros e dos espaços. A estrutura dessas cabeças em madeira possibilita diversas formas de apresentação e de composição com os materiais tradicionais.

Os meios, conforme a teoria de Hans Belting (2014), são dispositivos guardiões das imagens, na obra de Nádia Taquary, a escultura como um todo é um meio, mas ainda existe outros meios que são formadores do todo da escultura, são eles os materiais tradicionais. O estudo da antropóloga Juana Elbein dos Santos (2012, p. 42) aponta que elementos que constituem a natureza, assim como, os do corpo, são responsáveis pela transmissão do *asé*, “*a força, que segura a existência dinâmica, que pode acontecer e o devir*” na cultura iorubá. Os materiais também são meios produtores de imagens, portanto, conforme Belting (2014) formulando a partir de sua teoria sobre o lugar das imagens, o corpo composto por imagens.

A instalação de Laís Machado nos convida a acessar um universo complexo que é a cabeça, a instalação e a experimentação dentro do ambiente pode ser compreendida por via da *protodisposição afetiva*, a *alacridade*, se configura conforme Muniz Sodré (2017, p.109) em que a adivinhação, métodos de conhecimentos atribuídos a *Orúnmilá*, tem como objetivo o conhecimento do próprio corpo, “uma condição própria do sensível” (Sodré, 2017, p. 106).

O conceito do autor, *protodisposição afetiva*, pode ser associado a disponibilidade dos objetos, a forma como são expostos e o conjunto de elementos que são provocativos, que não percorrem apenas a passividade do olhar, mas estímulos a todos os sentidos através da presença. As práticas de geomancia para os povos nagôs são instrumentos de edificações do conhecimento realizados pelo próprio corpo sistematizando o seu percurso.

Nos dois trabalhos, há influência do despertar da corporeidade, no primeiro trabalho, a artista propõe um espaço de relações com os objetos presentes, entramos na cabeça d’água, e despertamos um conjunto de sensibilidades através da água, dos toques, do olhar, de toda a ambientação que a cabeça proporciona. No segundo, os *oríkì*, “sentença aglutinada, um poema ou canto que expressa certas qualidades ou fatos em particular, referentes a pessoas, linguagens ou divindades” (Santos e Aşipa, 2014)., ganham uma outra dimensão, que não é da palavra e sim visual, uma primeira e última temporalidade do *oríkì* que é verbal, uma ação, ou seja, do âmbito do trajeto corpóreo, os *oríkì* estão sendo pronunciados visualmente, através do trabalho de Nádia Taquary, podem ser fragmentos da cabeça presente no *órun*, e que no confronto perceptivo nos à saudamos. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de considerar a relevância de ambos os trabalhos a produção de conhecimento que prioriza o corpo.

As quartinhas e suas várias cabeças, está relacionado a ideia de corporeidade, para Sodré (2017, p. 106), a corporeidade é sempre um processo coletivo, em que entendemos que não existe um além de um sensível ou separação entre o corpo e o sensível: o corpo é o sensível. Por este motivo a complexidade de definição do corpo, em culturas onde o processo de conhecimento se projeta em relações interiores e, posteriormente coletivas, não existe distinção entre o corpo e suas propriedades intelectuais e sensíveis. Essa explicação está nas associações às cabeças e o processo mediador de conhecimento entre elas. A nossa cabeça corresponde a uma cabeça-destino localizada no *órun*, o *plano invisível*, e é mediada pelas práticas de adivinhação.

Nas esculturas de Nádia Taquary, a presença dos elementos tradicionais é indício da relação com os fragmentos dos princípios cosmológicos que estruturam

os corpos no cosmos nagô, sendo através da adivinhação que se realiza uma prática de autoconhecimento para que possamos traçar nosso destino. Outrossim o destino, não é entendido como uma ideia de “*futuro*”, muito associado a um *tempo fragmentado* pertencente ao ocidente (Martins, 2021), mas futuro como um percurso corpóreo de pensamento, nas palavras de Sodré (2017, p. 109) “*escrita imaginária traçada por essa travessia*”.

Ambos os trabalhos desenvolvidos pelas artistas estão inseridos em um pensamento, a partir da ideia de conhecimento construída em exercício de expansão corporal e da coletividade, não existe nenhuma faculdade superior na construção heurística do conhecimento, nosso corpo está diretamente associado aos materiais de entes sobrenaturais presentes no *órun*. O conhecimento construído pelo corpo é mediado pelos processos de adivinhação.

4. CONCLUSÕES

Destacamos as principais contribuições dos autores mencionados no estudo sobre *Orúnmilá*, o orixá do conhecimento na cultura iorubá e, relacionamos com as obras de duas artistas brasileiras, da arte contemporânea, Laís Machado e Nádia Taquary. O olhar para as duas obras, proporcionou pontos na discussão sobre a produção de conhecimento em culturas africanas: o valor da cabeça na cultura iorubá e no pensamento de *Orúnmilá-Ifá*. A possibilidade de compreensão do aspecto educativo presente no corpo filosófico da divindade enquanto uma via de acesso cognitiva construída pelos sentidos na representação do movimento corpo (Sodré, 2017) e sua importância para produção de imagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADERONMU, Adekunle. **Ifá: filosofia e ciência de vida**. São Paulo: Ed. do autor, 2015. p. 160.
- BELTING, Hans. **Antropologia da Imagem**. trad. A. Morão, Lisboa, KKYM, 2014.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.
- NOGUERA, R. A QUESTÃO DO AUTOCONHECIMENTO NA FILOSOFIA DE ORUNMILÁ. **ODEERE**, [S. I.], v. 3, n. 6, p. 29-42, 2018. DOI: 10.22481/odeere.v3i6.4328. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4328>. Acesso em: 8 jun. 2022.
- SANTOS, Juana Elbein dos; SANTOS, Deoscoredes Maximiliano. **Arte Sacra e rituais da África Ocidental no Brasil**. Juana Elbein dos Santos; Deoscoredes Maximiliano dos Santos (Mestre Didi Aşipa). Salvador: Corrupio, 2014.
- SANTOS, Juana Elbin dos. **Os nagô e a morte: pàde, àsèse e o culto de égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SODRÉ, Muniz. **CORPORALIDADE E LITURGIA NEGRA**. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 25. Rio de Janeiro, 1997. Mostra do Redescobrimento: negro de corpo e alma. Nelson Aguilar, ORG. / Fundação Bienal de São Paulo. – São Paulo: Associações Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.